



Homenagem

a

P.º AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR

## Centenário do Padre Américo

«O lume da lareira é a escola de todos os tempos; a escola da verdade, onde se criam e alimentam as almas sinceras. É a nossa Universidade, onde os nossos pequenos tiram o curso de homens de bem».

O inovador pedagógico escreveu páginas de teologia em vida, e o apóstolo entre as situações de miséria foi mestre em humanidade. Este «procurador dos pobres», «revolucionário pacífico, equilibrado, fervoroso, penitente, muito feliz»<sup>1</sup>, como se chama a si mesmo, não quis títulos de benemérito, mas somente Deus como recompensa.

A homenagem nacional, pelo centenário do seu nascimento quis o Senhor D. Júlio se associasse a *Humanística e Teologia*. Dada a impossibilidade de, em breve tempo, reunir artigos que versassem sobre as várias facetas do P. Américo, este fascículo apresenta um trabalho de sociologia, sobre o conceito de delinquência juvenil, e a visão de um economista acerca do documento da Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América, que veio enriquecer a doutrina social da Igreja. Esta, de facto, mais do que corpo de doutrina invariável é expressão situada e culturalmente contextada de um apelo permanente do Evangelho. Só uma carta inédita, comentada pelo P. Carlos Galamba, se refaz directamente ao homenageado.

Esta carta é uma amostra da vertente interior do iniciador da *Obra da Rua*. O conhecimento e estudo da sua correspondên-

<sup>1</sup> AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR, *Doutrina*, I, Paço de Sousa

<sup>2</sup> 1974, 28.

cia acentuará certamente o lado místico (o fogo interior) do homem aflito e «andarilho infatigável»<sup>2</sup>, já patente, mas não explorado nas obras publicadas até então.

Como, aliás, abrir perspectivas para futura investigação é tarefa de um centro de estudos, apontaria outras facetas do P. Américo por descobrir.

Uma delas é a crítica social. Em tom descontraído sem perder a amargura, jorrante mas demarcado, coloca os dedos nas chagas sociais e usa de mansa ironia ao descrever certos falsos modos de enfrentar o problema assistencial, como o «negrume dos aljubes», o «remédio dos albergues», o mal dos asilos, as creches consideradas como parentes das «rodas», os chás ou paradas da caridade. Há nesta vertente uma mordacidade profética que fascina e convence.

Viver da verdade do Evangelho com paixão é outra característica facultadora de um modo próprio de aceder ao Novo Testamento. A sua reflexão é evangélica e salta-lhe uma passagem com a espontaneidade de um rebento na Primavera. Seria curioso estudar as constantes citações do Evangelho espalhadas pela sua obra, a leitura viva que delas faz, qual fonte única do seu passar lento pela negra miséria envolto em negra capa.

Não se abordou ainda de uma forma sistemática o Padre Américo como escritor. Existem várias referências. São muito preciosas as de Mons. Moreira das Neves<sup>3</sup>, que o relaciona com Raul Brandão e Machado de Assis. Salienta a «linguagem vernácula, de sabor a terra e a sangue, desartificial, clara e iluminadora, essencialmente tónica e directa»<sup>4</sup>. Foi certamente como jornalista-escritor que sensibilizou a opinião pública para necessidades urgentes e ergueu uma palavra incómoda.

Estas são algumas perspectivas que completamos com uma muito breve síntese biográfica e um elenco bibliográfico.

C. A.

<sup>2</sup> F. MOREIRA DAS NEVES, *O Padre Américo*, Lisboa 1987, 55.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 39, 59, 81, 123-124.

<sup>4</sup> *Ibid.*, 39.

## Bibliografia do P. Américo

### 1. SÍNTESE BIOGRÁFICA

Nasceu a 23 de Outubro de 1887 em Galegos, Penafiel. Seguiu a carreira comercial no Porto e em Moçambique, depois de estudar em Penafiel e Felgueiras. Aos 36 anos regressa de Moçambique, estimulado pelo franciscano D. Rafael da Assunção, e entra no Convento de Vilarinho (Tui). O ser padre, desejo que lhe vinha desde a infância, faz-se agora uma forte «martelada» a que não podia resistir. Depois do postulante e ao primeiro ano de noviçado aconselhem-no a sair por «ser muito impressionista». Entra para o Seminário de Coimbra em 1925 e é ordenado em 1929.

Apesar de breve passagem pelos cargos de professor e perfeitura do Seminário, o primeiro serviço que toma em mãos é *Sopa dos Pobres*. Em 1932 é lançada esta iniciativa, fundada pelo bispo de Coimbra. Paralelamente, no semanário diocesano *Correio de Coimbra* apresenta a secção *Sopa dos pobres*. Entretanto, da experiência com as Colónias de Campo no Verão, começa a crescer a ideia da *Obra da Rua*, com início em 1939. Chama-lhe o P. Américo descer mais um furo<sup>1</sup>.

Esta Obra da Rua viria no tempo a recriar-se de iniciativas, descendo sempre mais ao coração dos pobres a quem auxiliar, recuperar e educar com amor. As *Casas do Galato* são a experiência a favor das crianças abandonadas. A primeira é a de Miranda do Corvo (1939). Seguem-se Paço de Sousa (1944), que virá a ser o centro principal, Tojal (Loures) (1948), S. Miguel (Açores) (1956), Beire (Paredes), Setúbal, para além de Angola e Moçambique. Para jovens estudantes e trabalhadores, antes galatos constituiu os *Lares* na cidade (Coimbra, Porto, Lisboa, Setúbal). Para os desalojados inventou o *Património dos Pobres*

<sup>1</sup> AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR, *Pão dos Pobres*, II, Paço de Sousa 1959, 123-124.